

LUIZ RUFFATO E A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM IMIGRANTE COMO SUJEITO EM ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Cinthia Ramalho de Andrade¹
Gleides Ander Nonato²

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo analisar o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, pelo viés da pluralidade de deslocamentos geográficos, linguísticos e culturais que ele põe em marcha. Analisamos como se constituem as migrações, tanto no que se refere ao trânsito dos personagens da história quanto de seu autor para, então, verificar como esses indivíduos, imigrantes latino-americanos na Europa, configuram-se como sujeitos.

Palavras chave: Sujeito. Não-pertencimento. Solidão. Identidade. Alteridade.

LUIZ RUFFATO AND THE CONSTRUCTION OF THE IMMIGRANT CHARACTER AS A SUBJECT I WAS IN ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Abstract:

This work had as objective to analyze the romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, written by Luiz Ruffato, by the sense of geographic plurality, linguistic and cultural displacements that they put in march. It was analyzed how the migrations are constituted, both in terms of the traffic of the characters in the stories and their authors, in order to verify how these Latin American individuals, immigrants in Europe, configure themselves as subjects.

Keywords: Subject. Displacements. Migration. Romance. (No) Belonging. Space. Loneliness.

LUIZ RUFFATO Y LA CONSTRUCCIÓN DEL PERSONAJE INMIGRANTE COMO SUJETO EN ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Resumen:

El objetivo de este trabajo fue analizar la novela *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, por la pluralidad de desplazamientos geográficos, lingüísticos y culturales que pone en marcha. Analizamos cómo se constituyen las migraciones, tanto en lo que respecta al tránsito de los personajes de la historia como de su autor, para luego verificar cómo estos individuos, inmigrantes latinoamericanos en Europa, se configuran como sujetos.

Palabras clave: Sujeto. Migración. Romance. No pertenencia. Espacio. Soledad. Identidad. Alteridad.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: cinthiar90@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3555-7883>. <http://lattes.cnpq.br/5850270323751381>

² Mestrado em Educação. Centro Universitário Newton Paiva. E-mail: gleidesander.prof@newtonpaiva.br. <https://orcid.org/0000-0001-9630-1040>. <http://lattes.cnpq.br/9020273118009457>

Introdução

Estive em Lisboa e lembrei de você foi publicado em 2009 e faz parte da coleção Amores Expressos, da editora Companhia das Letras, que levou 17 escritores brasileiros a 17 cidades do mundo para contar histórias de amor. A partir daí, é possível perceber a característica itinerante desse romance, que terá a sua trama centrada no deslocamento de seu protagonista, Serginho. Ele é um mineiro nascido na cidade de Cataguases. Pertencente a uma família pobre, que não teve muitas oportunidades de estudos, resolve deixar sua cidade natal e ir para Lisboa, em Portugal. Ruffato, portanto, nos apresenta esse imigrante brasileiro em terras estrangeiras, que sobrevive por meio de trabalhos informais e acredita que em Lisboa conseguirá "fazer muito dinheiro" e, assim, garantirá o futuro do filho que ele deixou com a família no Brasil para viver essa aventura. Dessa forma, a história de Serginho é narrada pelo próprio protagonista, em forma de relato.

Como veremos ao longo deste artigo, em seu romance, Ruffato dá voz à história de um imigrante latino-americano na Europa, que se vê diante de um choque cultural e linguístico, encarando, assim, uma constante solidão. Esse sentimento, no entanto, não se deve apenas à distância geográfica que o separa de seu país e de sua cidade de origem. Mas deve-se também ao fato de ele pertencer a uma região marginalizada, tão distante do desenvolvimento com o qual ele sonhara.

Neste artigo, procuramos identificar como se dá a construção desse sujeito em um mundo que, na maioria das vezes, não o recebe de forma acolhedora. Assim, por meio dos conceitos de *solidão*, de Paz (1984) e de *não lugar*, de Augé (1994), construí o perfil dos imigrantes em geral, caracterizados pela identidade de um sujeito moderno e, conseqüentemente, fragmentado. Por meio das leituras de Benveniste (1989) e Orlandi (2009), foi possível definir a identidade como algo cambiante e construída a partir dos vários tempos e lugares de fala de um indivíduo. Voltando ao romance, essa análise foi fundamental para nos mostrar, portanto, como o texto propõe a construção dos sujeitos imigrantes latino-americanos.

Metodologia

Para que seja possível o cumprimento de todos os objetivos deste trabalho, será feita uma análise da obra em questão, bem como uma análise de seus personagens e locais onde são ambientadas. Também será feito um estudo bibliográfico para analisar a construção do

personagem imigrante como sujeito. Para o estudo do processo enunciativo na obra, será considerado o pensamento de Benveniste (2005). Para tratar a temática dos deslocamentos e das migrações, serão consideradas as teorias de Said (2003), Foontes (2014), Kristeva (1994), entre outros. Já a temática da solidão e do não-lugar será abordada de acordo com o pensamento de Paz (1984).

Deslocamentos

O deslocamento é, sem dúvidas, uma das principais características do texto de Ruffato analisado nesta pesquisa. Um dos primeiros deslocamentos que nos damos conta ao entrar em contato com a obra diz respeito ao movimento geográfico do protagonista, que sai do interior de um país latino-americano (Brasil) em direção à capital de um país do continente europeu (Portugal) em busca de melhores condições de vida e da realização de sonhos.

Assim, é por meio do deslocamento geográfico que o personagem se vê em contato, pela primeira vez, com os sentimentos de não-pertencimento e solidão. Porém, esse sentimento não diz respeito apenas à distância geográfica da terra natal, mas, também, ao fato de pertencer a uma região marginalizada, que não conta com o grande desenvolvimento encontrado na Europa.

Augé (1994) associa essa relação aos conceitos de “agora” e “aqui”. Para o autor, o “agora” diz respeito ao tempo em que os imigrantes alcançam o objetivo de chegar em suas novas cidades, enquanto o “aqui” fala sobre o tempo vivido nesses lugares. Assim, segundo Augé (1994), mesmo que vivam o “aqui”, os viajantes permanecem distantes das realidades locais, justamente porque existe uma grande fratura que divide o lugar natal (geralmente territórios subdesenvolvidos e marginalizados) do atual espaço (marcado pelo que é dado como desenvolvimento). “(...) o aqui europeu assume todo o seu sentido em relação ao distante, antes ‘colonial’, hoje ‘subdesenvolvido’ (...) a oposição do aqui e do distante marca um modo de grande divisão – Europa, resto do mundo (...)” (AUGÉ, 1994, p. 15).

No princípio da obra analisada, Serginho não tem a consciência de pertencer a uma região marginalizada, por não ter tido condições de estudar. O que pesa para o protagonista é o fato de ele viver em uma cidade do interior, distante do desenvolvimento dos grandes centros urbanos. Por isso, deixar esse lugar rumo ao “estrangeiro” representa poder mudar de vida e impressionar os moradores de Cataguases.

"Depois de conviver" com a *civilização* em Portugal, "A alta cultura", não ia conseguir mais aturar o povo da Taquara Preta, sem educação, sem modos nem compostura, desclassificado, "Mas lá só

moram os picagrossas", falei, "Pense grande, Serginho, ganhando em euro, você também vai ser um bambambã", antecipou [...] (RUFFATO, 2009, p.32-33).

Em Portugal, o sentimento de que a Europa é mais desenvolvida cresce no protagonista, que ressalta até mesmo a superioridade do rio dos portugueses em relação ao rio de Cataguases: "(...) alcancei a beira do Tejo, uma ignorância tanta água, perto dele o infeliz do Pomba parece corguinho, comprei um cartão-postal pra exibir praquele povo incréu de Cataguases, mas às vezes fico pensando, acho que não vou mostrar não, pra que humilhar o nosso rio? (...)" (RUFFATO, 2009, p. 43). Além disso, o personagem passa a conviver com o grande preconceito e desconfiança sofridos pelos imigrantes de países pobres, como ele relata na seguinte passagem:

[...] desci, deparei com a recepção abandonada, tilintei a campainha uma, duas, três vezes, esperei, e, como não aparecia ninguém, toquei de novo, impertinente, até surgir uma senhora de cara amarrada, enxugando as mãos no avental, gritando mal-humorada que não era surda, sem graça falei bom dia, ela não respondeu, repeti, mais alto, ela ignorou perguntando o quê que eu desejava, expliquei nada não, só que, como não havia *ninguém* no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse, "Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!", e voltou a praguejar [...]" (RUFFATO, 2009, p. 42-43).

De acordo com Augé (1994), o lugar de nascimento colabora para a construção da identidade individual. "Nascer é nascer num lugar, ser digno à residência" (AUGÉ, 1994, p. 52). Assim, quando deixam os locais em que nasceram, os imigrantes também deixam parte de suas identidades para trás. Do mesmo modo, "incorporar a identidade do outro não se torna uma tarefa fácil, pois, por não terem nascido no país que escolheram morar, os imigrantes sempre serão vistos como os estrangeiros, os diferentes, aqueles que não pertencem ao novo lugar e que, portanto, não são dignos de habitá-lo" (ANDRADE, 2017, p.20).

Para Bellei (1998), essa busca pela identidade é motivada por essa grande distância social que acomete aqueles que estão em deslocamento.

[...] Andam pelos cafés e pelas margens do mundo porque, sendo colonizados, são, de saída, habitantes de um espaço geográfico que não sentem seu, e do qual estão alienados. Estranhos em sua própria terra, viajam sem o respaldo de uma identidade cultural anterior. São, como Bhabha, viajantes que partem não de um lugar, mas de um vazio e de uma ausência mais do que de uma presença. (BELLEI, 1998, p.50).

Mesmo morando em Portugal, Serginho continua em uma situação de deslocamento. Hospeda-se em pensões localizadas nas periferias, lugares nos quais circulam trabalhadores, estudantes pobres, artistas, imigrantes e outras classes marginalizadas nos grandes centros urbanos. Também começa a se deslocar por toda a cidade, buscando reconhecê-la e, assim,

encontrar seu lugar nesse espaço. Com pouco dinheiro, os deslocamentos acontecem a pé e não contam com um destino definido. "(...) bati cabeça o dia inteiro, zanzando de um lado pro outro, avaliando aqueles bitelos de navios ancorados (...)" (RUFFATO, 2009, p.43).

Nesse movimento pela nova cidade, Serginho começa a criar relações com outros personagens que, assim como ele, pertencem a grupos de imigrantes e, por isso, também estão em deslocamento. Singer (1987) explica em relação aos imigrantes em geral que tais relações são desenvolvidas porque “a adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos” (SINGER, 1987, p. 240).

Ao ser empregado como garçom em um restaurante, Serginho começa a se relacionar com imigrantes de diferentes nacionalidades, como os garçons Antólio (ucraniano) e Nino (guineense). Mesmo vivendo em condições parecidas com as dos colegas de trabalho, Serginho os encara como estrangeiros e passa a chamá-los de "gringos". Augé (1994) explica esse tipo de relação:

[...] o outro exótico, que se define em relação a um “nós” supostamente idêntico (nós franceses, europeus, ocidentais); o outro dos outros, o outro étnico ou cultural, que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos, um “ele”, na maioria das vezes, resumido por um nome de etnia; [...] o outro íntimo, enfim, que não se confunde com o precedente, que está presente no cerne de todos os sistemas de pensamento, e cuja representação, universal, responde ao fato de que a individualidade absoluta é impensável [...]" (AUGÉ, 1994, p. 22-23).

Ao não reconhecer os imigrantes de outras etnias como semelhantes, o protagonista de *Estive em Lisboa e lembrei de você* só sente identificação por outros brasileiros, como é o caso de Rodolfo e Sheila. Eles representam, para Serginho, um retorno à pátria que ficou para trás: "(...) e de repente um sujeito me cumprimentou simpático, levantei, ‘Você é brasileiro?’, confirmou, e, satisfeito, eu disse, ‘Puxa vida, que bom encontrar alguém que fala a mesma língua da gente’, apertamos as mãos (...)" (RUFFATO, 2009, p.46).

Rodolfo, nascido no interior da Paraíba e morador de Lisboa há quatro anos, mostra a Serginho que, de certa maneira, é possível se integrar à nova vida.

[...] e me deu endereço e telefone, que não desanimasse não, aos poucos as coisas ajeitavam, se ficasse sabendo de alguma vaga deixava recado pra mim, e insistiu em mostrar um pouquinho daquela parte da cidade, e caminhamos, o vento frio uma gilete, ele apontava um prédio, uma paisagem, um beco, e explicava, mas eu não entendia quase nada, ele na frente, o rosto embrulhado num cachecol, as palavras saíam abafadas, se perdiam, eu, atrás, ouvia apenas "Aqui é o", "Lá embaixo, está vendo?, é a", "O povo daqui é", "Você tem que tomar cuidado com", "Olha o". (RUFFATO, 2009, p. 47).

Já Sheila, brasileira que trabalha como prostituta em Portugal, representa a chance de Serginho se relacionar amorosamente com alguém e, quem sabe, abandonar a constante sensação de solidão que o acompanha desde que aí chegara. Ao mesmo tempo, para Sheila, o protagonista também representa a chance de uma vida melhor. Por isso, os dois acabam dividindo o mesmo sonho: voltar para o Brasil bem de vida, como verdadeiros heróis.

[...] ela falou, "Serginho", preciso juntar muito dinheiro porque quero aparecer em Riverlândia por cima-da-carne-seca, engranada, mandando e desmandando, pra mostrar pros maiores "Que sou pessoa decente", tanto quanto as mulheres de lá, "Até mais", se bobear [...] (RUFFATO, 2009, p. 69).

Em suas andanças por Lisboa, Serginho também faz amigos portugueses. Porém, assim como o protagonista, eles também integram um grupo marginalizado e em constante trânsito. Esse é o caso do personagem Poeta, que vive nas ruas de Lisboa, fazendo com que o protagonista encare a dura realidade de que Portugal não apresenta mais tantas oportunidades como no passado, principalmente para os estrangeiros. No passado, o Poeta fez parte da nobreza portuguesa, porém, agora vive nas ruas, dependendo de favores e doações. Assim também é Portugal, um país em crise, como podemos observar no seguinte diálogo que Serginho desenvolve com um morador da pensão, seu Carrilho, português reformado, que tinha passado a maior parte da vida no Brasil:

Um dia comentei com seu Carrilho, todo orgulhoso, que era amigo do Poeta, e ele deu de ombros, "Meu filho, todo mundo nessa terra é poeta, até eu sou" [...] "Poetas sem livros...todos" [...] e ele explicou que aquele Poeta era descendente do marquês de Alva, "Tem sangue azul", mas não tem dinheiro, só passado, "E vive mesmo do passado" [...] (RUFFATO, 2009, p.52).

Analisada a questão dos deslocamentos, verificaremos, agora, como o texto aborda a construção de Serginho como sujeito, a partir das relações de choque, contradição, tensão, solidão e não-pertencimento a seu novo país.

Não-lugar, identidade e pertencimento

Para definirmos os não lugares, primeiramente, é preciso definir os lugares. Brandão (2007) conceitua os lugares como universos indeterminados, fragmentados e que, portanto, marcam as diferenças entre os indivíduos, as culturas, as sociedades, as línguas, entre outros. Assim, caracterizados como construções sociais, os lugares atuam e interferem diretamente na construção das identidades e, conseqüentemente, nas definições dos papéis que cada indivíduo exercerá no mundo.

A partir dessa definição, é possível dizer que os não lugares definem-se como universos de alienação e de transitoriedade, como os aeroportos, as estações de metrô, os hotéis, as cadeias, os acampamentos de refugiados e as favelas. Esses universos, segundo Augé (1991), podem ser considerados uma consequência da “supermodernidade”, ou seja, um tempo marcado pelos excessos, pela perda de controle, pela grande quantidade de informações e transformações que circulam e acontecem de forma acelerada.

No contexto das rápidas transformações é que estão os indivíduos em deslocamento. Por meio de suas constantes transições geográficas, linguísticas, culturais e psíquicas, é possível afirmar que eles habitam um não lugar.

São como uma visita inconveniente que bate à porta em momento inoportuno. A essas figuras, portanto, não cabem as gentilezas dispensadas a um hóspede, pois, sem documentos, sem condições de se autopromover ou sem um nome de família reconhecido em terras estrangeiras, esses indivíduos não possuem as credenciais necessárias para serem recebidos e tratados com hospitalidade. (ANDRADE, 2017, p. 48).

Assim, o conceito de não lugar torna-se estratégico nesta breve análise, que procura identificar como o indivíduo migrante busca, no espaço em que habita, uma identificação e, conseqüentemente, aquilo que o torna sujeito. Essa busca está muito presente em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, por meio dos personagens migrantes construídos por Ruffato. Porém, diferentemente do atual cenário que envolve imigrantes e refugiados no mundo, que abandonam seus países de forma compulsória, por viverem em contextos de extrema vulnerabilidade, o autor optou por retratar a história de um homem que deixou a sua terra natal de forma consciente, colocando-o em uma posição social mais privilegiada do que a daqueles que fogem de seus lugares de origem.

Durante os seus primeiros momentos em Lisboa, Serginho encontra nos bares a oportunidade de se relacionar com pessoas e compartilhar sua história e, também, as lembranças e memórias do passado que deixou para trás. Esses espaços de transição possibilitam que o personagem tenha o primeiro contato com a cultura local e, ao mesmo tempo, restabeleça os laços com a cultura natal.

[...] sentei numa **tasca**, que é como chamam o botequim, não havia almoçado ainda, pedi um *prato-do-dia*, **borrego** assado, mais três copos de vinho *da-casa*, e aos poucos baixou uma saudade danada da época que eu fumava, e passou pela minha cabeça comprar um maço de cigarro, o doutor Fernando nunca ia descobrir, ali, tão longe, mas foi só pensar nisso, e a voz dele protestou, "Quê isso, Serginho!

Vai decepcionar agora as milhares de pessoas que acompanham há anos seus hercúleos esforços?". (RUFFATO, 2009, p. 44).

É possível perceber que a inserção da voz ausente no discurso, juntamente com as expressões tipicamente portuguesas, remete ao referido cruzamento entre a cultura local e a cultura natal do personagem. Serginho identifica nos bares espaços de amizades, onde é possível construir relações e, assim, diminuir um pouco a solidão que bate na porta daqueles que deixaram suas terras de origem.

Além de frequentar os bares, o protagonista também caminha pela cidade para sentir o clima do novo lugar e reconhecê-lo nos cheiros e nas novas paisagens. A partir daí, Serginho demonstra certa intimidade e cumplicidade com esse espaço. Nesse momento, então, é que ele percebe que o caminho escolhido é sem volta.

Lisboa *cheira* sardinha no calor e castanha assada no frio, descobri isso revirando a cidade de cabeça-pra-baixo, de metro, de eléctrico, de autocarro, de comboio, de a-pé, sozinho ou ladeado pela Sheila. Com ela de-guia, visitamos um monte de sítios bestiais, o Castelo de São Jorge, o Elevador de Santa Justa, Belém (pra comer pastel), o Padrão dos Descobrimentos e o Aquário, na estação Oriente [...]. (RUFFATO, 2009, p. 67).

Parte do reconhecimento desse novo lugar está justamente nos chamados pontos turísticos, locais que encantam os estrangeiros. Ao contrário, não desencadeiam o mesmo sentimento naqueles que nasceram nas cidades, pois, acostumados com tais paisagens, acabam por não as perceber. Esse encantamento presente na relação dos estrangeiros com as novas cidades é apontado por Kristeva (1994) como algo que acontece por meio de uma estranha felicidade que, apesar de tudo, parece transportar o estrangeiro.

Augé (1994) aponta que as novas cidades se tornam não lugares para os estrangeiros ao existirem apenas a partir das palavras que as evocam. Enquanto estão no âmbito do discurso, são lugares onde é possível viver melhor. Mas, ao serem vividos, ou seja, colocados em ação, não mais existem, pois, na verdade, conduzem o estrangeiro a um mundo fechado e intolerante ao diferente, onde ele não encontrará nenhuma identificação. "Todos os sofrimentos, todos os insultos e todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe, mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de um além." (KRISTEVA, 1994, p. 13).

Para Orlandi (2009), as palavras são efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas e que, portanto, se relacionam com o que é dito, com o que não é dito e, também, com o que poderia ser dito e não foi. Por isso, ao estrangeiro é sempre reservado o

sentimento de que não pertence nem ao seu lugar de origem e nem ao novo lugar. Ele está sempre entre o sonho não realizado e a terra natal que já não reconhece mais.

Assim, ao habitarem esse espaço vazio de sentido – o não lugar - podemos afirmar que os imigrantes entram em choque com suas identidades, ou seja, com aquilo que os coloca no mundo, desenvolvendo uma ligação conflituosa com a sua nação de origem. Ao mesmo tempo, é, também, a partir dessa negação que a identificação se constrói. Como afirma Hall (2003), a identidade é algo que nunca pode ser alcançado de fato, uma vez que está sempre em construção. Dessa forma, ela pode ser definida como um processo de articulação entre aquilo que é igual, mas também entre o que falta.

Ainda segundo Orlandi (2009), a identidade é fruto das diversas posições que o sujeito é obrigado a assumir. Para a autora, os discursos nos convocam para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais, fazendo com que as identidades sejam pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Assim, sujeitos, sentidos e discurso nunca estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo em um movimento constante do simbólico e da história.

O pensamento de Orlandi (2009) dialoga com o pensamento de Benveniste (1989). Para o autor, a subjetividade está no exercício da língua, uma vez que é no discurso que o eu designa o locutor, fazendo com que ele se enuncie como sujeito. A considerar que cada definição do eu se constitui no tempo e no espaço em que o discurso é proferido, é possível afirmar, então, que não existe apenas um único sujeito. Consequentemente, torna-se impossível definir a identidade como algo único e fixo. Ao contrário, ela está em constante transformação, à medida que é construída a partir dos vários tempos e lugares de fala de um indivíduo.

Eu se refiro ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. (BENVENISTE, 1989, p. 288).

Voltando ao romance, Serginho estabelece um diálogo com ele mesmo, como forma de encontrar respostas para as questões referentes à sua identidade. O diálogo interno não é compartilhado com os outros personagens da obra, o que reafirma a condição de ser solitário ocupada pelo narrador. "Aqui em Portugal não somos nada, 'Nem nome temos', somos os brasileiros, 'E o que a gente é no Brasil?', nada também, somos os outros (...)" (RUFFATO, 2009, p. 78).

Ao partir do pensamento de que viver ilegalmente em um país, geralmente, traz à tona o sentimento de exclusão e indignidade, já que os benefícios que estão disponíveis para todos não estão disponíveis para esse tipo de imigrante, é possível entender os motivos pelos quais o protagonista de *Estive em Lisboa e lembrei de você* vive às margens, muitas vezes escondido, e se submete às condições ruins de trabalho, de moradia, de educação, entre outras.

Na cabeça do narrador, trabalhar duro e de forma honesta no restaurante O Lagar do Douro, indica ser possível não só viver com dignidade em Portugal, mas cumprir o seu objetivo de juntar dinheiro e voltar ao Brasil, onde daria uma vida luxuosa ao filho Pierre. Por isso, o protagonista acaba aceitando o comportamento frio e duro de seu chefe, o português Peixoto. Além de Serginho, o português também emprega outros imigrantes, como o ucraniano Anatólio e o guineense Nino. Ao explorar a mão de obra estrangeira, Peixoto representa a soberania dos nativos em relação aos indivíduos em deslocamento, que se sujeitam às mais diversas humilhações para conseguirem sobreviver em seus novos países. No caso do brasileiro, fortalece-se, também, a figura do colonizador em seu lugar de superioridade e exploração do trabalho do outro.

Ainda para conseguir conviver com a solidão e habituar-se a esse constante não lugar, tão presente na vida dos estrangeiros, Serginho acaba se apegando a alguns objetos, como o cigarro. Ele representa toda a relação do protagonista com a pátria deixada para trás. Serginho começara a fumar ainda adolescente, pois acreditava que isso lhe daria status em Cataguases. Por meio do cigarro, entendeu, pela primeira vez, que existia um grande mundo a ser descoberto fora da pequena cidade do interior. O cigarro faz-se, então, a metonímia da vontade de sair do país e do trânsito a ser empreendido:

O rapaz, bem-falante, óculos escuros, motorista uniformizado, me mostrou o maço preto, caligrafia dourada, "Conhece?", respondi que *de-vista*, me ofereceu um, aceitei, agradei. "Aqui no Brasil não tem desses", garganteou, perguntei onde ele adquiria, explicou que carregava, fretado, o povo da cidade dele, Presidente Prudente, praqui e prali, "Até pro Paraguai" [...] e acho que, naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano." (RUFFATO, 2009, p. 17).

Pensando em parar de fumar, o narrador estreita laços com o doutor Fernando, com quem jogava futebol, o que também representa uma subida de posição de Serginho na sociedade de Cataguases, pois se tornara amigo de um médico. Mesmo relacionando todos os problemas de sua vida ao ato de parar de fumar, Serginho mantém o propósito de pé, pois não queria decepcionar o grande amigo. "Mas foi parar de fumar, e as coisas degradingolaram na minha vida, e só não desisti daquela empreitada para não desapontar o doutor Fernando."

(RUFFATO, 2009, p. 21). Já em Portugal, durante os momentos de difíceis e de decepção, ele se rende ao vício, o que representa o seu fracasso em terras estrangeiras.

Assim, é possível afirmar que o cigarro funciona como fio condutor da narrativa, sendo o ponto fixo em meio aos vários deslocamentos experimentados pelo protagonista. O objeto torna-se uma estratégia usada por Ruffato para lembrar os leitores de que o seu personagem, embora em deslocamento, tem um passado e uma história. Portanto, quer ser sujeito em seu novo país.

O imigrante e a solidão

Paz (1984) aponta que um indivíduo se torna sujeito quando ele se dá conta de que está só. Para o autor, a solidão nasce com o homem e que é essa a própria condição da vida, já que, sozinho, o homem sempre está em busca de outro ser. Consequentemente, quando essa busca acaba, a vida também acaba.

Sentir-se só não é sentir-se inferior, mas ser diferente. O sentimento de solidão, por outro lado, não é uma ilusão - como às vezes é o de inferioridade -, e sim a expressão de um fato real: somos, na verdade, diferentes. E, na verdade, estamos sós. (PAZ, 1984, p. 22).

A partir do pensamento de Paz (1984), é possível voltar ao romance de Ruffato e afirmar que, ao não se sentir pertencente a um espaço físico e cultural, o protagonista da narrativa começa a se sentir sujeito, mesmo que esse sujeito seja diferente, já que a solidão possui duplo sentido — ao mesmo tempo que é a ruptura com um mundo, é a tentativa de construir um novo. Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, a solidão torna-se a ligação de Serginho com o futuro e com o que ele espera ser. Porém, ao mesmo tempo, caracteriza a ruptura com o passado, com algo que ele não deseja mais.

Como já discutido neste artigo, o imigrante pode ser definido como o ser que não consegue se misturar, pois está muito longe tanto de sua terra natal, quanto de seu novo lugar. Said (2003) afirma que, de alguma maneira, esses indivíduos tiveram seu passado anulado para que pudessem gozar de sua posição atual. Por isso, mesmo já vivendo nos novos países há muito tempo, usando as mesmas vestimentas e falando o mesmo idioma que os nativos, ninguém os confundiria com os autênticos habitantes desses lugares. Isso se dá devido à problemática da estereotipização, que passa pelos encontros interculturais, de forma que aquele que vem de fora acaba causando profundo estranhamento aos nativos. Porém, esse estranhamento também é uma forma de marcar as identidades, já que “ser estranho” é um fator distintivo de pertencimento para aqueles que são “de casa”.

Para Kristeva (1994), é por meio das diferenças que existem entre os estrangeiros e os nativos que é possível perceber o “outro”, às vezes tão distante, como um “alguém”, ou seja, um sujeito. Ao mesmo tempo, de acordo com a autora, essa mesma diferença que cativa o nativo também o distancia do estrangeiro. Esse abismo se dá justamente porque, ao se deparar com esse ser estranho, o nativo se vê obrigado a encarar a sua forma secreta e preconceituosa de ver o mundo e o “outro”.

[...] esse discernimento dos traços do estrangeiro, que nos cativa, ao mesmo tempo nos atrai e repele [...] Do amor ou ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desconfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas. (KRISTEVA, 1994, p. 11)

Ao concentrar seus esforços na apropriação do que é próprio do outro, os imigrantes perdem as suas identidades, já que ao absorvem, em parte, a visão de mundo dos nativos daquele lugar, distanciam-se, cada vez mais, de seus próprios lugares, que vão se tornando mais estranhos.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Serginho é acometido pela solidão ainda em sua cidade natal. Mesmo acompanhado de sua família, dos amigos do futebol e das várias namoradas, ele se sente deslocado, como se não fizesse parte daquele mundo, devido às necessidades e desafios pelos quais passa. A morte da mãe consolida, de vez, a solidão na vida do protagonista. Resta-lhe a alternativa de partir para Lisboa. Porém, ao se dar conta dos desafios colocados aos estrangeiros no país europeu, Serginho sente-se, novamente, sozinho e acaba apegando-se à religião para enfrentar esse momento:

[...] na frente da igreja de São Roque, uma aflição no peito, uma mágoa empedrada, e, de-afoiteza, entrei, o silêncio friento me acolheu, amparando meu cansaço, e, comovido, ajoelhei e recordei a finada minha mãe, o finado meu pai, o Pierre, os amigos e parentes agora tão distantes, e clamei para que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento, que Ele providenciasse logo uma colocação, porque o dinheiro escasseava, mal dava pra bancar o aluguel do quarto e o almoço, minha única refeição, rifados o café-da-manhã e a janta [...]. (RUFFATO, 2009, p. 53-54).

Para Paz (1984), nenhum grupo está a salvo da dispersão, que pode acontecer por diversos fatores, como guerras, conflitos religiosos, transformações dos sistemas de produção, crises econômicas, desastres ambientais, entre outros. Segundo o autor, mal se divide, esse grupo enfrenta uma nova situação: a solidão, que se torna uma experiência do vazio.

Assim, a solidão retratada na obra estudada e que se refere à distância do protagonista de suas raízes e de sua família é muito bem representada na falta que ele sente de sua mãe. Órfão de

sua progenitora e de sua pátria, Serginho se entrega a uma nova busca, a fim de recuperar o vazio deixado por essa figura feminina. "Expulso" do que ele considera o centro do mundo – a Europa, esse indivíduo em deslocamento está condenado a procurá-lo pelo resto de sua vida.

Considerações Finais

Aqui, torna-se necessário retomar algumas reflexões realizadas ao longo deste trabalho para apresentar as principais conclusões resultantes da breve análise de *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

É possível afirmar que a obra de Ruffato funciona como um retrato da América Latina cujo foco está justamente em uma crítica referente às áreas sociais, políticas, econômicas e culturais. Aos leitores, é apresentada a representação de uma região em desenvolvimento, mas ainda dependente dos que a colonizaram. Assim, Ruffato lança o seu protagonista à problemática da realidade dos sujeitos latino-americanos, indivíduos colonizados, em busca de melhores condições de vida. Em meio ao cenário de desafios e dificuldades em seu país de origem, o romance apresenta como alternativa a essa realidade a saída da terra natal.

Em um primeiro momento, Serginho é construído por meio do discurso eurocêntrico propagado em toda a América Latina e, especialmente, em sua cidadezinha natal, Cataguases. Assim, no início do romance, a Europa é apresentada como o lugar do desenvolvimento e da cultura, onde o protagonista encontrará a solução para todos os problemas, como a pobreza, a miséria, a violência e o esquecimento.

Esse deslocamento para o lugar “dos sonhos”, porém, também é responsável pelo surgimento de outras dificuldades na vida desse indivíduo. Em Portugal, ele é lançado a uma nova condição de invisibilidade, vivendo à margem de uma sociedade já estabelecida. Por isso, não consegue estabelecer laços com os colonizadores e acaba reduzindo suas relações a um núcleo específico, composto por imigrantes de países periféricos que também se encontram em trânsito. Assim, a situação de Serginho ganha um novo nível de complexidade. Ele deixa, em parte, de ser quem era (sujeito latino-americano) sem, ao mesmo tempo, conseguir se transformar no outro (sujeito europeu). Nesse momento, torna-se uma identidade cambiante, deslocando-se de sua posição de sujeito. Essa condição consome grande parte de suas reflexões existenciais. Encarando o novo e espelhando-se no outro, esse protagonista em deslocamento também olha para si, refletindo sobre sua situação. Assim, esse diálogo abre portas para o jogo da alteridade, para a multiplicidade dos olhares e discursos. A narrativa,

portanto, mostra o que o protagonista quer e o que ele pode ser, possibilitando, ficcionalmente, a construção de uma imagem autônoma e, até mesmo, autóctone.

Assim, a conclusão a que se chega é a de que, em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, encontram-se materializadas as crises de identidade de um indivíduo em deslocamento que permeiam toda a história da América Latina até a atualidade. Dessa forma, Serginho assume o papel de representação de toda uma pátria em conflito.

A construção do imigrante latino-americano como sujeito no romance analisado se dá, justamente, por meio dos seus deslocamentos, dos conflitos com sua identidade e, conseqüentemente, do deslocamento de sua posição de sujeito latino-americano. Assim, a conclusão a que se chega é a de que todas essas questões possibilitam a negociação com as partes das histórias desse indivíduo que permaneciam silenciadas ou mal deglutidas, contribuindo para reunir os pedaços espalhados pelo mundo, tornando-o esse protagonista um ser único, falante, dotado de história, lembranças, cultura e que, portanto, é um sujeito.

Agradecimentos

Ao Centro Universitário Newton Paiva, pelo apoio institucional.

Referências

ANDRADE, Cinthia Ramalho de. **Configurações do imigrante latino-americano como sujeito em obras de Mario Vargas Llosa e Luiz Ruffato**. Belo Horizonte, 2017.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução. Campinas: Papirus, 1994.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Nação, Disseminação e Viagens Antropofágicas**. Florianópolis: Travessia, 1998.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BRANDÃO, L. A. **Espaços literários e suas expansões**. Revista de Estudos de Literatura, vol. 15, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18135>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaide LaGuardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 410p.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Sujeito, história e linguagem. Dispositivo de análise**. In: *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.p. 25-94.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão e Post-scriptum**. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**. In: SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.46-60.)

SINGER, Paul. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

